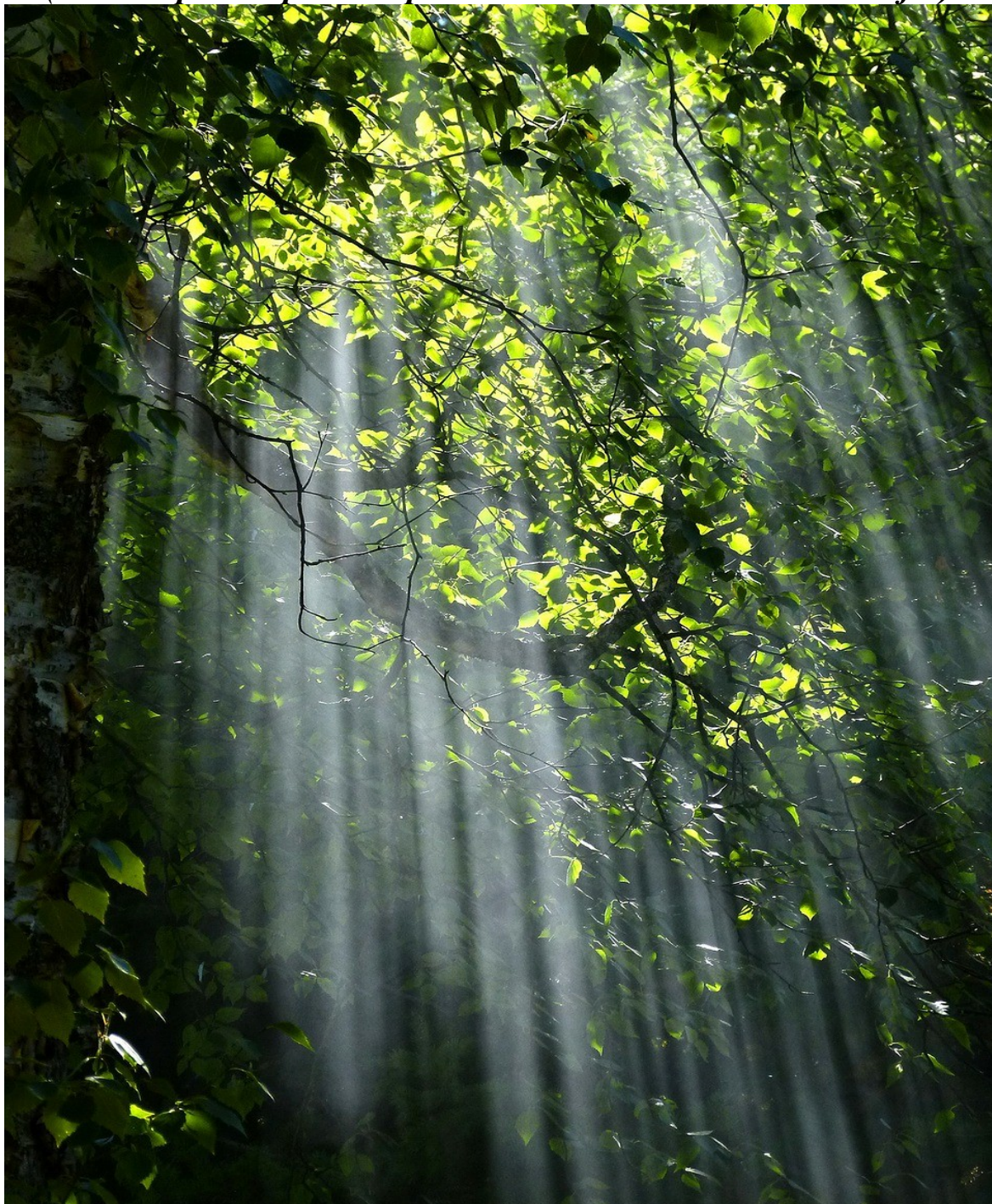


www.harmonianet.org

VIVÊNCIAS

(obra inspirada pelos Espíritos “Menino Poetinha” e “Sufi”)



PABLO DE SALAMANCA

2014

SOBRE O MÉDIUM

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. A presente obra, “Vivências”, 15º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo, é a quarta em parceria com o Espírito do “menino Poetinha”, sendo a segunda em parceria com o Espírito “Sufi” (ambos inspiraram os conteúdos deste livro). Dentre as quinze obras realizadas por Pablo, sete têm caráter mediúnico. Os quatorze livros anteriores são: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011), *Espiritualismo em foco* (2012), *Faces da projeção astral* (2012), *Novas percepções* (2013) e *Experiências extrafísicas III* (2013).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente na elaboração deste livro.

CAPA

A capa é fotografia de Brigitte Werner, que pertence aos arquivos do *site* <http://pixabay.com/pt/> (acesso em 01/11/2013), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre.

DIREITOS AUTORAIS - Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do “autor” (médium), após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o “autor” e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
INTRODUÇÃO	6
VIVÊNCIAS	7
1- Poesia no guardanapo	8
2- Eterno retorno	10
3- Sublime pintor	12
4- A beleza que sustenta	14
5- Terapia	16
6- Amar sem apego	18
7- A lição da mão	20
8- Hipocrisia	22
9- Relatividade	24
10- O médium	26
11- Superação	28
12- Prostituição	30
13- Transformação	32
14- Solidão e esperança	34
15- Sutileza	36
16- Dignidade	38
17- O juiz e o poeta	40
18- Investigação	42
19- O buscador e a busca	44
20- O aspirante à política	47
21- De volta às raízes	49
22- Poeta reencarnado	51
23- Um trabalhador do Umbral	53
24- Gregório	55
25- O porquê da dor	58
26- Cemitério	60

27- Prevenção	62
28- Adolescente em depressão	64
29- Mente sã e corpo são	66
30- O jovem pescador	68
31- Conferência internacional	70
32- Conexão com o infinito	72

PREFÁCIO

Este livro foi inspirado pelo Espírito do “Menino Poetinha” e pelo Espírito “Suff”. Ambas entidades acompanham-me, há muitos anos, nos trabalhos mediúnicos que tenho realizado em centros e grupos espiritualistas, nos quais colaborei ou dirigi. Além disso, esses amigos espirituais também foram autores de obras psicografadas através da minha pessoa. Desta forma, em atenção àqueles que não puderam ler os livros mencionados, faz-se necessário colocar aqui algumas informações sobre ambas entidades.

O Espírito do “Menino Poetinha”

A entidade “Poetinha” foi autor espiritual dos livros “Sabedoria em Versos” (2001), “Vidas em Versos” (2005) e “Sonetos Reflexivos” (2011). A primeira vez que descobri algo sobre este espírito, foi através do seguinte texto, que me foi passado pela via mediúnica:

Apenas um menino. Pés descalços. Felicidade de graça. Luz. Caminhando pelo mundo vivia a rimar. Observando as flores, insetos, gotas d'água sob o sol, tudo era motivo para rimar. Na harmonia da natureza, procurava espelhar suas palavras. Deviam elas refletir a alegria que vem do Pai Maior. Aquela alegria que os homens, os adultos, haviam perdido. Ele esperava nunca perder o dom de ser feliz. Por isso, vivia a rimar. Perdera seus pais muito cedo e uma família de fazendeiros o acolhera, dando em troca um pouco de carinho, muito trabalho e um teto.

Após a breve narrativa, que pude anotar numa folha, tive uma visão de um menino de cabelos claros, que trajava roupas humildes. Sua vida começou a se desenrolar, como um filme acelerado, na minha mente. O garoto tornou-se adolescente e começou a ser segregado dentro de sua comunidade, pois era analfabeto, órfão e sempre se comunicava através de rimas. Tornou-se homem e era considerado anormal. Seu sustento provinha de tarefas braçais que realizava na região onde nascera, e, pela incompreensão da maioria, acabou por preferir manter-se um tanto afastado das pessoas, embora eu tenha percebido que ele possuía grande paz interior, sempre apresentando um semblante feliz.

No dia 19 de Janeiro de 2001, um mentor espiritual aproximou-se, ditando-me um resumo mais completo da vida que o Poetinha teve na Terra, o qual transcrevo na íntegra em seguida:

Num dia incomum, no qual o sol parecia ter uma luz mais brilhante, e o céu um tom de azul mais profundo, nasceu um menino. Mais um ser chegava ao mundo, para o duro aprendizado

da vida material. Era filho de humildes colonos de fazenda não muito rica, num vilarejo localizado no sopé de uma montanha. Sua infância era igual a de qualquer criança pobre, marcada por brinquedos feitos de sabugo de milho ou de madeira rústica. Aos três anos de idade, quando ainda ensaiava as primeiras palavras, perdeu seus pais devido a uma peste que assolou a região. O menino, desde então, ficara mudo. Fora poupado pela peste, mas não pelo dissabor da ausência dos pais. Os donos da fazenda, penalizados pela ocorrência, resolveram adotar a bela criança de cabelos claros.

Com o passar do tempo, acharam que o menino estava irremediavelmente mudo. Já contava com cinco anos e nada falava. Porém, prestava muita atenção às conversas dos adultos e parecia entender tudo. Numa ocasião em que a cidade provinciana estava em festa, o menino acompanhou seus protetores até o centro das algazarras. Estava espantado com o vozerio dos mercadores e com a gritaria das outras crianças. Aliás, nunca tinha visto tantas crianças juntas de uma só vez. Contudo, algo lhe chamou a atenção de forma realmente intensa. Num tablado improvisado, estava um homem a recitar belos poemas, em torno do qual havia um grupo de pessoas prestando vívida atenção. Ali ele estacou. Mesmo puxado por sua mãe adotiva, resistiu até que ela cedesse e permitisse a ele ouvir, por um tempo, os agradáveis versos. Depois daquele dia memorável para ele, o menino pareceu recuperar-se do trauma da morte dos seus pais de sangue. Tornou-se cada vez mais sorridente, apesar de ainda permanecer mudo. Outra característica que surgiu de sua personalidade era a prestatividade. Ele estava sempre pronto a servir e rapidamente se engajou nos afazeres da fazenda.

Aos nove anos de idade, quando questionado sobre um leite derramado pela mãe adotiva, para a surpresa dela e de todos da fazenda, respondeu com belas e precisas rimas. Daí por diante, ele passou a ser conhecido como “Poetinha”, pois falava somente através de versos.

Mas como a vida muitas vezes nos reserva surpresas não muito agradáveis, com o passar dos anos o menino virou rapaz, passando a ser alvo de preconceitos. A comunidade o considerava anormal por só se comunicar daquele jeito tão diferente, sendo ele, além disso, um analfabeto. Os pais adotivos do Poetinha já haviam falecido e, agora, ele ganhava a vida prestando serviços em fazendas da região, morando temporariamente num e noutro daqueles estabelecimentos agropastoris.

Ele só tinha um amigo verdadeiro, o Jorge, que o acompanhava nos seus trabalhos. Jorge não gostava das brincadeiras pejorativas que faziam com seu amigo, não compreendendo porque o Poetinha, mesmo sendo segregado, mantinha sempre o semblante sereno e feliz. Um dia, contrariado, Jorge perguntou ao Poetinha:

- Como você pode se manter sorridente, até quando as pessoas teimam em te ridicularizar? Então, o menino feito homem fez um longo silêncio, mas como os olhos de Jorge permaneciam solicitando uma resposta, pela primeira vez Poetinha falou sem rimar, mas em suas palavras havia música:

- Caro irmãozinho, é difícil viver como o sol quando apenas vemos o astro rei fora de nós. Ele tem que estar dentro do peito. Para que assim seja, temos que alimentar o forno do coração com muita lenha de amor, perdão e fé. Perdoe aos males que te sejam feitos ou desejados. Devolva amor, paciência e sempre sorria. Os atos de Jesus, em sua missão sacrificial, eram como um permanente sorriso de complacência, ante a ignorância da humanidade. Tenha Ele como modelo, pois Ele veio para despertar a compaixão. Veio para transformar as duras carrancas das almas viventes, ajudando a eliminar os preconceitos, os ódios e a ignorância das leis de Deus, vivenciando o “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Por isso irmãozinho, perdoa sempre, pois assim os grilhões da dor sufocante não te atingirão. Vibre em tom mais elevado e a sua música se imporá sobre a balbúrdia dos enlouquecidos do mundo. A sua nota musical ajudará a transformar este lugar do universo, num jardim de paz, em dia breve. Não permita que a sua voz se some a das massas de irmãos, que ainda ignoram a Lei do Amor. Sejas Amor! Assim viverás na Terra como o sol que brilha, doando luz para aqueles que ainda estão na lama do desprezo e do ódio.

A partir daquele dia, Jorge passou a respeitar profundamente Poetinha, nunca mais o questionando. Os anos se passaram e o homem Poetinha tornou-se um velho. Ainda rimava, embora com frequência preferisse ficar em silêncio. Seu rosto detinha uma serenidade mais profunda e a sua figura, agora adornada por uma densa barba e vasta cabeleira, alvas como a neve, faziam-no assemelhar-se a um santo. Já não trabalhava mais nas fazendas, agora tirando seu sustento da caridade alheia e de uma horta que mantinha, com esmero, nos fundos de sua moradia, um celeiro abandonado onde deixaram-no morar.

Nesta época, o bom velho era procurado pelas pessoas à busca de aconselhamento ou de algum consolo para seus sofrimentos. Poetinha acalmava seus corações com doces poesias, que sempre estimulavam à transformação interior e à renovação das esperanças. Seu amigo Jorge ainda o acompanhava, parecendo cumprir um papel de guardião do velho. Cuidava de suas necessidades e o ajudava, quando alguma doença queria se apossar de seu corpo combalido. Poetinha tinha cerca de dez anos a mais que Jorge.

Um dia, quando algumas pessoas foram procurar Poetinha, para ouvir palavras benfazejas, encontraram Jorge triste. Este informou que o bom homem havia deixado o mundo. Nunca mais voltaria. Perguntaram-lhe como e quando, explicando Jorge quase resignado:

- Ontem ele me falou sem rimar, que iria voltar para a sua casa verdadeira, dizendo-me para não segui-lo e que Deus cuidaria de mim. Achei o seu jeito estranho. O olhar parecia perdido em alguma visão. Fingi que aceitei ficar em casa só, mas espreitei seus passos, que dirigiram-se à montanha. Ele subiu vagarosamente com seu velho cajado, e quase lá em cima, depois de longa caminhada beirando a floresta, ele parou. Olhou para trás, mas eu me escondi numa moita. Ele olhou para a minha direção e parecia me ver através dos arbustos. Sorriu e deu-me as costas. Quando saí de trás da moita para continuar a segui-lo, ele entrou na floresta e o perdi de vista. Apressei o passo para alcançá-lo, pois poderia ser perigoso estar só dentro da floresta. Estava ainda a uma boa distância do ponto por onde ele havia penetrado na mata, quando vi uma bola luminosa sair por cima das árvores. Ela subiu, subiu e subiu, até sumir no céu. Comecei a correr até a floresta e gritei pelo Poetinha como um louco. Desesperei-me e perdi os sentidos. Voltei a mim somente na manhã de hoje, retornando para casa após muito chamá-lo na montanha. Tenho um forte pressentimento de que não verei mais o Poetinha.

A notícia se espalhou e muitas pessoas do vilarejo, gratas ao bom velho, fizeram sua busca por vários dias, mas nunca mais o acharam. Toda vez que alguém perguntava ao Jorge o que havia acontecido, o homem repetia a mesma história, no final concluindo que havia visto o espírito do “Poetinha” subindo para o céu.

O Espírito “Sufi”

A entidade “Sufi” foi autor espiritual do livro “Reflexões” (2009). Na época em que a citada obra estava em execução, embora eu soubesse qual espírito se manifestava, ele não assinava as mensagens. Eu sabia o nome pelo qual se identificava comumente, mas ele não fazia questão de registrar sua identidade formalmente. Apenas escrevia, sempre que possível. Isto não me incomodava em nada, já que o meu interesse era pelo conteúdo materializado. No entanto, com o passar do tempo, notei que a sua presença estava ficando mais sutil, cada vez que se manifestava pela psicografia. Não entendi bem o porquê, mas não me preocupei com o fato, já que os conteúdos que estavam chegando, eram de boa qualidade e tinham coerência entre si. Talvez pela afinidade que eu já tinha, de longa data, com aquele tarefeiro espiritual, isto estivesse possibilitando uma psicografia “mais intuitiva”.

Cerca de três meses depois de iniciada a obra “Reflexões”, a entidade comunicante se aproximou com a “densidade energética” com a qual eu estava acostumado no grupo espiritualista, revelando-me, através de uma psicografia, que assinaria a obra como “Sufi”. Dissera que,

normalmente, participava de atividades cuja vibração era relativamente próxima à materialidade, mas que, para passar-me os conteúdos do livro “Reflexões”, elevava a sua frequência vibratória e usava a forma espiritual de um Sufi, que fora no passado, quando tivera aprendizados importantes na sua caminhada evolutiva. Isto surpreendeu-me um pouco, confesso. Não imaginava que a entidade de longos anos de lida espiritual em trabalhos mais “densos”, tivesse sido um Sufi no pretérito. Para quem não sabe o que é um Sufi, posso dizer que é um participante da corrente mística do Islã, que não interpreta literalmente o Corão, e busca uma experiência direta com Deus através de cânticos, música e dança. As práticas do Sufis, no entanto, são variadas e possuem diversas vertentes, que, no seu conjunto, são chamadas de Sufismo, tendo sua origem aproximada há pouco mais de 1200 anos atrás. Algumas vertentes sufis têm um forte sentido universalista, reconhecendo que outras religiões, além do próprio Islamismo, são manifestações do Divino na Terra.

Após a “revelação” que Sufi me fizera, meditei por alguns dias. Recordei que no ano de 2007 eu atravessara um período de interiorização e autoconhecimento mais intensos, utilizando-me do instrumento da regressão terapêutica, onde pude acessar diversas das minhas vidas passadas. Numa delas, que pude revivenciar em 20 de outubro de 2007, constatei que eu fora um muçulmano, ainda no início da expansão do Islã. Durante parte daquela minha existência, auxiliei na difusão do Islamismo, como guerreiro. Quando atingi uma idade mais madura, naquela vida, afastei-me das atividades guerreiras e passei a fazer práticas que me induziam a transes extáticos. Acabei por me tornar um místico. Não entrarei em maiores detalhes aqui, pois este relato não faz parte do escopo desta obra. No entanto, não teci estes comentários em vão. Àquela época, eu não sabia bem quem eram os Sufis e suas atividades, mas após comentar pormenorizadamente esta minha vida pretérita no Islã, com um primo meu, quando já escrevia o presente livro, ele afirmou que eu fora um Sufi. Isto me causou surpresa, pois eu não entendera anteriormente que eu teria sido um Sufi. Eu não havia identificado este “rótulo” de Sufi na minha pessoa, mas, a partir disso, passei a pesquisar sobre Sufismo, constatando que o meu primo tinha razão (a descrição que eu fizera de minha regressão para ele, na maturidade da minha vida pretérita, correspondia à vida de um Sufi). Então, juntei os fatos e compreendi que seria muito coerente que eu, que participara do Sufismo nascente, tivesse algum companheiro espiritual também Sufi.

INTRODUÇÃO

As vivências narradas aqui, foram registradas entre 23 de novembro de 2011 e 24 de outubro de 2013. Ou seja, o conteúdo da obra foi escrito dentro de um período de cerca de dois anos. Contudo, será possível precisar quando e em que local deste planeta teria acontecido cada experiência relatada? Em alguns casos, pelo contexto, não é difícil compreender que os fatos são corriqueiros na cultura brasileira, e típicos deste início de terceiro milênio. Mas, isto não é o mais importante. As vivências têm valor em si mesmas, transcendendo, muitas vezes, a questão geográfica e temporal. É isso que perceberá o leitor mais atento, que será levado a dialogar com os personagens deste livro. Em outros momentos, o leitor possivelmente se identificará com algumas personalidades integrantes desta obra. Poderá, até mesmo, notar que o pensar destes seres assemelha-se com seus próprios pensamentos.

Estas vivências, portanto, são um convite àqueles que gostam de meditar ou refletir sobre as várias nuances do dia a dia, indo além do que é chamado de senso comum. Neste livro há desafios implícitos. Quem aceita o convite de decifrá-los?

VIVÊNCIAS

1- POESIA NO GUARDANAPO

Um trabalhador, com alma de poeta, voltava para casa. Parou numa esquina, em botequim conhecido, para uma refeição. O garçom veio-lhe atender, solícito, ouvindo velha pedida. Ao sair em direção à cozinha, o garçom deixou o trabalhador poeta sozinho à mesa. Este, entregue a seus pensamentos, mesmo em meio ao som ambiente, viu num guardanapo de papel, a oportunidade de uma poesia. E assim escreveu:

Poesia no guardanapo

É poesia fugaz.

No burburinho deste espaço,

Há, decerto, pouca paz.

Mas a poesia rompe,

Sem o menor cansaço,

A barreira que, ao longe,

Parece concreto e aço.

Assim é a poesia,

Que, como o ar, tudo permeia,

Neste mundo que muito pranteia.

Venha poesia!

E traga logo alegria

A mãos cheias!

O homem, então, guardou o guardanapo, sentindo-se confortado após o dia cansativo. Viu o garçom se aproximando com o prato fumegante. Comeu lentamente, saboreando cada porção. Depois foi para casa, levando no bolso a “Poesia no guardanapo”, um soneto que ele não sabia que teria leitores no futuro. Eu estava lá e tudo registrei.

2- ETERNO RETORNO

Um homem já velho, após anos de solidão, tem o retorno de uma companheira amada, para os passos finais da vida material. Esta é uma história que, muito, já se repetiu. Quantos e quantos retornos... Quantos e quantos reencontros... Mas, ali, naquele salão iluminado, estava um ancião trovador, que grafou em singelo papel uma reflexão poética bem sentida, intitulada “Eterno retorno”:

*O amor causa surpresas,
Mesmo muitos anos depois,
De semente semeada com gentileza,
No coração de pessoa que se foi.*

*O amor frutifica e retorna,
Mesmo estando esquecido.
Ele vem e transborda,
Tornando o viver aquecido.*

*Assim é o amor!
Eterno fluxo e refluxo,
De indizível valor.*

*Assim é a vida,
Que ensina ao viajor,
Um caminho renovador!*

Quando terminou de escrever, ele estava com uma aura mais clara e brilhante do que o normal. Em especial, saíam de seu peito matizes róseos com traços de uma luz dourada. Naquela oportunidade, não pude deixar de perceber suas ideias, sentimentos e palavras, que aqui, agora, estão diante do mundo.

3- SUBLIME PINTOR

Quando era jovem, o filho de humildes agricultores resolvera estudar muito. Queria ser doutor e trabalhar na cidade grande. E ele estudou, mas não seguiu a carreira almejada. Não conseguiu ser médico, mas tinha boa cultura. Trabalhou um tempo em cinzenta metrópole, mas os percalços da vida o levaram de volta ao campo. Precisava lavrar a terra novamente, no sítio de seus velhos pais. Um dia, entre o cansaço e a melancolia, no pôr do sol, teve boa percepção. E sobre ela escreveu:

*Da janela do meu quarto,
Olhei para o amplo céu.
Vi excelente quadro,
Pintado por divino pincel.*

*Meditei, enquanto apreciava o espaço,
Tendo um lampejo interior:
Todos os dias veria novo e belo traço,
Desenhado pelo Sublime Pintor!*

*Assim, tinha a minha disposição,
A cada renovado dia,
Inédito quadro em exposição!*

*Senti-me, então, descansado.
Mesmo após pesado labor,
Vinha-me, do céu, consolo abençoado.*

Quando findou a escrita, o sitiante soltou um suspiro. Amparei sua cabeça, embora não tenha percebido. Em seguida, ele guardou o papel no fundo de uma gaveta, tentando esconder seus versos do mundo. Seu esforço foi em vão, porque a poesia sopra onde quer...

4- A BELEZA QUE SUSTENTA

Um poeta na campina! Lá estava um jovem admirando o lugar: a claridade do sol, o azul do céu, o verde da vegetação e o vento que balançava a campina. Neste quase transe provocado pela beleza do lugar, ele escreveu num bloco, que sempre o acompanhava:

*Qualquer pequeno momento
Pode ser um instante de inspiração.
Basta fazer mental silêncio
E prestar um pouco de atenção.*

*Palavras vêm com o vento,
Viajando com sutileza.
Qual será o intento?
Talvez, construção de beleza!*

*Beleza é alimento!
Alimento, com certeza!
E nutre todos a contento.*

*Não falo de beleza externa,
Mas daquela que dá sustento,
À alma que se eleva.*

Então, após escrever o soneto, o jovem continuou seu passeio. Por descuido, não notou a folha quase solta. Perambulou, admirando ainda a paisagem, não percebendo que após uma curva do caminho, perdera a poesia. Suas palavras ficaram no meio da campina. Quando chegou em casa, percebeu com tristeza a perda das rimas, que não vinham mais a sua mente. Assim, disse para si que a poesia fora extraviada para sempre. Mas, ele estava enganado. Eu estava lá e, agora, seu soneto pertence ao mundo.

5- TERAPIA

Lá estava um homem escrevendo, por recomendação de seu terapeuta. Ele colocava, com satisfação, seus diálogos mentais no papel. Não sabia até onde esta intensa atividade iria levá-lo, mas isto não lhe importava muito, pois sentia-se bem fazendo aquilo. No entanto, naquele momento, o que estava na sua mente, ganhou forma poética:

Escrever é compulsão?

Te digo que não!

É magia positiva,

Que enleva o coração!

Escreva sempre!

E traduza tristeza ou alegria,

Que carrega no dia a dia,

Em rima que contagia.

Não pare de escrever,

Pois enquanto se movimenta a caneta,

A alma está a viver.

E a alma viva torna o corpo saudável,

Fazendo belo dueto a florescer,

Evitando aridez lamentável.

Após terminar a sua obra, achou-a interessante. Contudo, instantes depois, ela jazia dentro de uma velha pasta plástica, junto com outros escritos diversos. Agora, ele já focava em novo assunto, para tornar a escrever. Mas, a sua poesia não passou despercebida por mim, ficando na minha memória.

6- AMAR SEM APEGO

Um monge e seu ignoto monastério! Esta combinação, no alto de uma montanha, havia de permitir boas e profundas reflexões. Ainda mais que aquela montanha apresentava cenários diversos: uma face era repleta de rochas nuas em declive suave; a outra era formada por uma campina verdejante; a terceira face era um paredão, que refletia a luz do sol; e a última face, a mais úmida, apresentava uma floresta. Um dia, após longo jejum e orações sentidas, o monge escreveu em velho pergaminho:

*Amar sem apego
É ser o Amor,
Sem humano desejo,
Sem o egoísta erro.*

*Amar sem apego
É puro amor, sem paixão!
É evitar tropeços!
É evitar desilusão!*

*Amar sem apego
É amor em expansão,
É amor oceano.*

*Amar sem apego
É viver com único plano:
O plano da doação.*

Nunca imaginou ele que, um dia, mais pessoas que seus companheiros de claustro poderiam ler sua reflexão poética. Mas, a vida pode trazer surpresas, e aqui estão as palavras e rimas daquele monge.

7- A LIÇÃO DA MÃO

O velho Delfino estava num quarto de sua espaçosa casa. Pensava, agradecido, na ajuda que vinha tendo de diferentes pessoas: um filho, uma antiga empregada, um amigo de infância e um irmão menos idoso. Delfino estava quase inválido, mas meditava que sua vida valia a pena, por tudo que aprendera e pela solidariedade que tinha dessas pessoas. Fora homem rígido e havia alimentado, por muitos anos, alguns preconceitos tolos. Agora, podia ver com clareza que estivera errado. Por isso, escreveu:

*Os dedos de cada mão
Não são, em absoluto, iguais.
No entanto, com toda razão,
Vivem em perfeita paz.*

*Eles prestam boa lição
Ao observador atento.
Ajudam-se com precisão,
A todo e qualquer momento.*

*É a lição da solidariedade,
Que entende que o diferente,
Faz parte da Unidade.*

*É a lição do puro Amor,
Que se manifesta pleno de vigor,
Neste mundo de diversidade.*

Após terminada a poesia, uma lágrima escorria por entre as rugas de Delfino. Estava sensível e modificado pelos anos de aprendizado. Estava um tanto surpreso com o que acabara de escrever. Onde viera a inspiração? Mas, isto era uma questão secundária. O que importa é que, agora, seu soneto pode vagar livremente.

8- HIPOCRISIA

Uma terapeuta, um tanto esgotada pelo contato constante com pessoas problemáticas, pensava em como renovar suas energias. Precisava de férias, mas o calendário a sua frente denunciava que ainda faltavam muitas semanas, para o período programado. Imaginou outras alternativas, dentre elas algumas mirabolantes, até que acomodou-se entre um estado melancólico e irritado. Então, desabafou através do papel, em pleno consultório:

*Rio-me da condição humana,
Quando a hipocrisia,
Em intensidade insana,
A muitos arrebanha.*

*Muitos vivem num teatro
De peça trágica e estranha,
Fingindo-se palhaços
De infeliz barganha.*

*Um finge que bate.
Outro finge que apanha.
Onde está a sinceridade?*

*Está bem oculta,
No fundo da alma,
Que, quase muda, pede escuta...*

Logo após escrever o soneto, a angustiada mulher ficou de cabeça baixa. Deixou solta, a folha, em sua mesa. Respirava lentamente, de olhos fechados, como se estivesse a orar. Mas, não estava em oração. Ela meditava sobre a sua profissão: será que havia feito a escolha certa? Em seguida, concluiu que estava precisando mesmo de férias. Pegou a poesia e jogou-a na lata de lixo. Mas, o conteúdo da folha amassada não caiu no esquecimento. Eu estava lá e tudo registrei.

9- RELATIVIDADE

Um estudante da sabedoria de todos os tempos, um dia, no instante seguinte à leitura de livro antigo, parou para refletir. Ficou sentado a mesa, olhando para o vazio, enquanto sua mente viajava por um mundo muito distante do presente. A obra tinha lhe causado uma forte impressão. A última página estava bem viva na sua mente. Então, com base nela, escreveu:

Sujeira não abomino.

Sujeira não rebato.

Entendo que é um caminho,

Livremente arbitrado.

Sujeira também é relativa.

Aqui é coisa abissal,

Mas ali, na esquina,

É fato plenamente normal.

O que vale é a intenção!

Um ato é humano ou boçal,

Dependendo do que há no coração.

Devido à poeira em deposição,

Por um ângulo vejo brilho,

E por outro, a escuridão.

O jovem havia grafado a poesia, na contracapa do livro que tanto o impressionara. Então, devolveu a publicação na sua bela estante, apinhada de outros volumes. Se não fosse a minha presença, seu soneto ficaria restrito apenas àqueles que, porventura, folheassem o livro daquele estudante.

10- O MÉDIUM

Um trabalhador espiritualista, cuja tarefa principal era a psicografia, um dia questionou a origem de seus escritos, já que nunca havia assinatura nos textos psicografados por si. A resposta veio pelas suas próprias mãos, que assinalou com a desenvoltura típica de uma mediunidade bem desenvolvida, as seguintes linhas poéticas:

*Poesias vêm e vão
Pela tua cabeça cansada.
Donde vem a inspiração?
É pergunta com sincera intenção.*

*Sua mão escreve,
Talvez, resposta esperada.
Mas a surpresa se atreve,
Com solução curta e breve:*

*Simplesmente, escreve!
Dê vazão à interna torrente
E não seja alma dormente.*

*Pois o mundo sonha, insolente,
Enquanto se debate,
Entre dolorosas correntes...*

Na sequência do soneto materializado, o médium ficou-se conformado. Entendeu que não importava o mensageiro, mas sim o conteúdo da mensagem. Pegou, humildemente, a folha onde estava a poesia, guardando-a em uma gaveta. Não tencionava publicar o soneto, pois entendera que ele era uma resposta particular para o seu questionamento. Ledo engano de sua parte! Lá estava eu, que cumpria o papel de não deixar aquelas palavras no limbo.

11- SUPERANÇA

Mais uma vez eu visitava aquela terapeuta. Naquele dia, ela estava mais serena. Pensava em alguns de seus pacientes que tinham problemas com vícios, avaliando como era difícil ajudá-los. Na realidade ela sabia que, fundamentalmente, eles deveriam ajudar a si próprios. Quanto a ela, poderia apenas oferecer algumas boas “ferramentas de trabalho”. Em dado momento, sob uma inspiração sutil, ela escreveu:

*Sabores fortes,
A vida oferece.
O vício é o norte,
Que não norteia e só entristece.*

*O prazer é momentâneo
E logo arrefece.
Melhor o efeito
De uma boa e sentida prece.*

*Vida é terapia,
E viver enriquece
Quem anda sóbrio no dia a dia.*

*Lucidez é vitória!
É conquista de alegria,
De quem faz a própria história.*

Percebi a satisfação na luminosidade da aura da terapeuta, depois de suas rimas reflexivas. Ela quase sorria. Seus olhos estavam parados, fitando o aparente vazio. Então, guardou o singelo soneto. Contudo, eu não poderia permitir que aquele texto ficasse desconhecido. Por isso, ele está aqui.

12- PROSTITUIÇÃO

Um escritor, que quase sempre escrevia em prosa, estava sentado à mesa de uma lanchonete. Após tomar seu café, passou a observar o movimento externo ao estabelecimento. A tarde caía, e o número de mulheres e de moças que se prostituíam, crescia pouco a pouco. Não era difícil identificá-las. Então, uma tristeza tomou conta do escritor, que seria melhor expressa através de versos:

*Mulheres não são mercadoria,
Mas, naquela esquina,
Com traços de melancolia,
Elas se vendiam ou eram vendidas.*

*A cada dia, ali, se construía
Triste e dolorosa sina,
Pelo prazer fugaz,
Atrás da bela forma que fascina.*

*No entanto a beleza,
Que tanto atraía a visão masculina,
Estava turvada por mágoa e tristeza.*

*Mesmo oculto pelos risos e ousadia,
Das mulheres mais esforçadas,
Era visível o sofrer nas calçadas.*

O soneto do escritor foi grafado na toalha de papel, que cobria sua mesa. Depois que terminou, Vinicius leu e releu a sua breve obra. Achou-a boa. Pensou em rasgar a parte da toalha de papel com os versos, para levá-los para casa. Mas, logo voltou a olhar para as mulheres da esquina, sentindo funda melancolia. Então, apressou-se em pedir a conta e ir embora. Se não fosse a minha presença, sua poesia estaria perdida.

13- TRANSFORMAÇÃO

Um homem de meia idade, após pensar bastante sobre sua vida, acabara de chegar a algumas conclusões, após repassar na sua mente detalhes de fatos vivenciados. Notara que a “Lei de Causa e Efeito”, também chamada “Lei de Ação e Reação”, era um dos motores da vida, da sua própria, como de todos os seres. Assim, fez uma síntese de toda a situação, no formato de uma poesia:

*Um dia alguém me disse
Que eu veria muita dor e sofrimento.
Não errou ele, naquele momento.
Constato isso, agora, um pouco triste.*

*O que fazer? Pergunto, eu.
Entregar-me à melancolia?
Olhar para o céu, a procura de Deus?
Ou trabalhar, com alegria, no dia a dia?*

*Trabalhar é certo!
Com alegria? Tentarei com teimosia.
Não será esforço modesto.*

*E quem sabe encontrarei,
A Deus não só lá no céu,
Mas também na Terra, no cerne de meu eu.*

Após escrever o soneto, o homem jogou-se na sua cama, com o intuito de descansar a mente e o corpo. Contudo, na sua alma, havia um novo propósito. A poesia fora testemunho deste compromisso. Por isso, embora ela tenha sido varrida para o lixo no dia seguinte, não permiti que seu conteúdo fosse perdido.

14- SOLIDÃO E ESPERANÇA

Um morador de grande metrópole vive seu dia a dia, sentindo-se solitário, embora quase sempre cercado por pessoas. Pensava ele que todos, incluindo a si próprio, eram indivíduos que não tinham com quem compartilhar seus sentimentos e ansiedades. Assim, pegou um papel solto, em pleno escritório de advocacia, e desabafou:

*Meu coração dói!
Dói a dor da solidão,
No meio da multidão,
Que passa tão só.*

*Meu coração dói!
Dói de ver a fome
Com rosto, mas sem nome,
Na multidão que passa só.*

*Meu coração dói!
Mas ainda vê esperança
No sorriso de uma criança.*

*E no riso da infância,
Se alberga meu coração,
Deixando de lado a solidão.*

Após derramar suas emoções na folha avulsa, percebeu que através dos versos grafados, encontrou uma fonte de inspiração que o libertasse da solidão. E concluiu: a chave da verdadeira vida está na inocência da infância! Uma lágrima quase escorreu de um de seus olhos, quando lembrou do desejo expresso por Jesus: “Deixai vir a mim os pequeninos, pois deles é o Reino dos Céus”. Ali, naquele momento, Jairo tomou uma decisão que iria mudar a sua vida. Mas, esta é uma história que não contarei aqui. Apenas acrescento que a poesia foi deixada de lado, mas não permiti o seu esquecimento.

15- SUTILEZA

Rosa, uma radialista, usava as palavras para ganhar a vida. Sempre comunicativa, desde tenra infância, fez do seu passatempo, que era falar, sua profissão. Assim, desenvolveu uma habilidade de compreender além das palavras proferidas. Um dia ela expressou esta sutil realidade, que boa parte das pessoas não alcança em profundidade, por meio de um soneto:

Gosto de brincar com as palavras

E elas brincam comigo.

Surgem plenas, sem travas,

De segunda a domingo.

Elas vêm e não se calam,

Teimando em tom amigo.

Basta aguçar os ouvidos,

Para entender o que falam.

O tom é importante,

Pois nas entrelinhas jaz escondido,

Um sentido relevante.

O tom pode ser leve,

Ou trazer sutil ironia,

Que se perde em momento breve.

Em seguida à rápida escrita, Rosa deu-se por satisfeita, quanto àquilo que escreveu. Notou que expressou bem a sua ideia sobre a arte da comunicação. Mas, por descuido seu, perdeu a poesia. Lamentou-se, pois aquela súbita inspiração, não retornava com as mesmas palavras. Realizou várias tentativas frustradas em reescrever o exato soneto. No entanto, eu estava lá. Sua poesia não estava realmente perdida.

16- DIGNIDADE

Um típico trabalhador brasileiro acabara de chegar em casa cansado. Na empresa onde labutava Jair, o dia fora intenso. Ligou a televisão e iniciava uma propaganda eleitoral. Assistiu com desagrado aquela programação. Em seguida, começou um determinado “reality show”. Ele aborreceu-se e desligou o aparelho. Então pegou um velho caderno, onde ainda haviam páginas em branco, e escreveu:

*Muitos vendem a sua alma,
Na política ou nas grandes corporações.
O motivo? Ambição desregrada,
Que degrada a pureza dos corações.*

*Então, cresce a hipocrisia
Dos sorrisos “amarelões”!
Morro, eu, de nostalgia,
De um passado de boas intenções!*

*Serei um ultrapassado?
Uma espécie em extinção?
Talvez não, mas meu destino está traçado.*

*Prefiro a simplicidade do dia a dia
E prosperidade com sobriedade,
A vender a minha dignidade.*

Depois de seu desabafo em forma de poesia, Jair ainda estava mal-humorado. Fechou o caderno e esqueceu o que havia escrito. Se não fosse a minha despercebida presença naquele local, seu soneto ficaria em eterna penumbra.

17- O JUIZ E O POETA

Em região próxima à moradia de Jair, habitava um velho juiz aposentado. Ele, ao contrário de Jair, manteve-se sintonizado no “reality show” que passava na televisão. O idoso, que era homem bastante culto, conhecia muito bem a história de seu país. Em especial, gostava de literatura brasileira e portuguesa. Assistiu a quase todo o “reality show”, bem como a algumas cenas mais sensuais, até que mudou de canal. Logo após algumas tentativas de encontrar um programa que lhe agradasse, desistiu, desligando o aparelho. Na realidade, tentava esquecer o que vira há pouco, no intuito de reduzir sua irritação. Como não conseguia esquecer, voltou-se ao passado, lembrando do poeta Gregório de Matos Guerra, um crítico feroz dos costumes baianos no século XVII, que recebeu a alcunha “Boca do Inferno”. Então, inspirando-se no antigo poeta, o juiz grafou:

Onde jaz a inteligência?

Onde está a dignidade?

O mundo é degenerescência!

Ignorância, agora, é majestade!

É o que vejo, aturdido,

Que impera nesta terra.

Sinto-me até perdido

E lembro Gregório de Matos Guerra.

O que diria o antigo poeta,

Sobre os “reality shows”,

Que dominam as eletrônicas telas?

*Gregório, o “Boca do inferno”,
Talvez usasse da ironia,
Dizendo que, melhor, era o tempo em que vivia...*

Após fazer aquele súbito soneto, o juiz sentia-se como o próprio Gregório. Estava aliviado por ter escrito aqueles versos. Era como se alguém se solidarizasse com seus sentimentos de repúdio. Mas, a única testemunha de sua poesia era eu, e, desta forma, aqui está ela para avaliação do mundo.

18- INVESTIGAÇÃO

Um buscador da Espiritualidade ali estava. Também pode se dizer que era um ser ávido por autoconhecimento. Ele era uma mistura equilibrada de estudante e investigador. Tinha o hábito de escrever. Acreditava no propalado “Poder do subconsciente”. Assim, volta e meia se via a escrever, na esperança de que brotasse das camadas mais profundas de sua mente, pérolas de sabedoria, ou revelações sobre si próprio. Então, após meditar por uns minutos, escreveu de forma um tanto automática:

*O que vai na minha alma?
Uma tristeza indefinível.
Uma letárgica calma.
Na verdade, algo inexprimível.*

*Teimo em escrever
Para ver se o motivo surge,
No papel, para eu ler.
Haverão novas luzes?*

*E enquanto escrevo, relevo
A melancolia indizível,
Da qual me despeço.*

*Ela vai e fico, eu,
Com um melhor sentimento,
De uma solitude com Deus.*

Depois de produzir o soneto, o Buscador respirou calmamente por alguns instantes. Estava numa espécie de transe. A seguir, leu o texto no caderno dedicado a seus escritos e pensamentos. Avaliou, com alguma surpresa, que nunca havia realizado uma poesia. De alguma forma aquilo o agradou, e, a partir daquele dia, passou a exprimir as suas ideias de um jeito poético. No entanto, sua timidez o impedia de apresentar o que escrevia às pessoas. Mas, naquela oportunidade, eu estava lá e, deste modo, seu primeiro soneto veio parar aqui.

19- O BUSCADOR E A BUSCA

Um dia, retornei para visitar o Buscador. Haviam se passado meses na contagem de tempo terrena. Naquele momento, ele lutava contra o sono de seu corpo, que pedia repouso. Mas, como se entregar ao sono, se agora a sua mente se ampliava de forma misteriosa? Assim, o Buscador, antes de ser derrotado pela matéria letárgica, resolveu escrever o que sentia:

*Meu corpo amortecido,
Nesta quase meia-noite,
É como doce embalo esquecido,
Lembrança de antigo ontem.*

*Um ontem de fato bem antigo,
Mas que vive no meu eu,
Com o belo colorido
De um sonho de Morfeu.*

*Estou acordado ou dormindo,
Nesta quinta que parece domingo,
De um dia que já morreu?*

*Ao certo não sei a resposta,
Mas o doce embalo que sinto,
Transcende meu pequeno eu.*

Depois que escreveu, o Buscador deitou-se. Logo estava dormindo, mas sua mente não asserenou-se por completo. O corpo quedou-se, mas sua alma flutuou. A sensação era agradável e ele logo admitiu para si que, de alguma forma, estava lúcido em pleno “sonho”. E a sua alma subiu. Enquanto subia, via faíscas cintilantes ao redor. Pareciam estrelas. Depois de um tempo elevando-se, maravilhado pela atmosfera que o arroteava, sentiu que a sua viagem terminara. Agora estava de frente a um senhor que nunca vira na sua vida material, mas que, por uma intuição irresistível, compreendia que era uma pessoa muito cara ao seu coração. O Buscador foi levado, pelo silencioso e sorridente senhor, até uma casa que tinha a porta aberta. Lá dentro, o ancião mostrou-lhe uma grande tela, como as que existem nos cinemas. Ali, o Buscador reviu cenas de épocas longínquas, onde vivera na Terra, num outro corpo, lado a lado com o senhor que o acompanhava naquele instante. Emoções vieram à tona, com as lembranças tão queridas, mostradas na tela em cores vivas. Depois de um tempo indefinível, o Buscador despertava no corpo terreno. Era madrugada e seus olhos estavam úmidos. Com as mãos trêmulas, o jovem grafou:

Vivi em priscas eras!
Parece surpresa, mas não é.
Minha mente alberga
Lembranças de conhecimento e fé.

Hoje sei que a eternidade
Vive e pulsa dentro de mim.
Esta é a minha verdade:
Consciência contínua e sem fim!

*Gostaria de bradar isso ao mundo,
Ao toque de poderoso clarim,
Mas sei que muitos se fariam surdos.*

*Assim, calo-me conformado,
E guardo meus íntimos estudos,
Sentindo-me um ser abençoado.*

Em seguida ao sentido soneto, o Buscador, ainda emocionado, tentou voltar a dormir. Desejou retornar àquele lugar tão especial, na presença daquele magnético senhor. Teve alguma insônia, até que o sono o vencesse. Sua poesia ficara próxima a cabeceira de sua cama. Não pude permitir que o seu conteúdo ficasse oculto de outros buscadores.

20- O ASPIRANTE À POLÍTICA

Um jovem com ambições políticas e habilidades poéticas, às vezes, escrevia em versos seus idealismos. Andava um pouco revoltado com a corrupção reinante nas terras brasileiras, e, por isso, escreveu:

*Brinco com as palavras
E as pessoas ficam sérias comigo.
Mas, minha alma não tem travas.
Ignora, ela, o perigo.*

*Muitos puxam-me a orelha.
Dou de ombros e falo, destemido,
Que boa é a ovelha,
Que enfrenta o lobo terrível.*

*Falo do vil animal
De hálito peçonhento,
Que reforça um grande mal.*

*Mal que abala o país
Em cada esquina e momento:
A corrupção! Nosso maior tormento!*

Em seguida ao soneto, o rapaz leu e releu seu texto em voz alta. Achou-o com boa sonoridade e guardou-o. Já era tarde e resolveu recolher-se. O jovem, após dormir, teve uma experiência extracorpórea. Viu, assustado, seu corpo inerte na cama, enquanto sua alma permanecia de pé nas proximidades. Logo se apresentou

um mentor, que lhe disse para tranquilizar-se, porque ele não havia morrido. No entanto, o ser o avisou para prestar bastante atenção as suas palavras:

*Também brinco com as palavras,
Mas agora, elas são sérias meu amigo!*

*Sua alma não tem travas
E sempre aceita o desafio.*

*Então, abra bem as orelhas,
Liberando seus ouvidos.
Digo que boa é a ovelha,
Que não se torna o lobo terrível.*

*Este real e vil animal
Verdadeiramente mora, invisível,
Próximo de cada alma imortal.*

*O bicho da corrupção
Começa sua nefasta ação,
A partir do teu próprio mundo mental!*

O rapaz “ouviu” àquelas palavras no âmago da sua mente, pois a conversa entre consciências se dá pela via da telepatia. O amigo espiritual do jovem sabia, muito bem, que seu pupilo já falhara nas lides políticas em vidas passadas. Então, resolvera lhe deixar um alerta. Embora o aspirante à política despertasse sem as exatas palavras emitidas, entendera bem a mensagem. Eu, que tudo presenciei, não podia deixar estes fatos ocultos aos leitores desta obra.

21- DE VOLTA ÀS RAÍZES

Aquele era mais um homem do campo, que foi seduzido pelas luzes das metrópoles. Só pôde perceber que essas luzes não iluminam a alma, após alguns anos vivendo numa grande aglomeração de pessoas, onde a falta de calor humano é constante. Num determinado dia, em seguida a uma forte desilusão, desabafou numa folha solitária de papel:

*É difícil ver as estrelas
Na cidade grande.
Gostaria de percebê-las,
Aqui, neste exato instante.*

*Na roça era feliz,
Mas realmente não sabia.
Ilusão era o que eu sempre quis:
A metrópole que contagia!*

*Hoje noto que foi contágio letal.
Na cidade grande não há magia,
Mas sim, correria que só faz mal.*

*Assim, a saudade me pressiona,
Porém entendo que é para bom final:
Voltar para minha terra natal.*

Depois de escrever a sua decisão, de uma maneira poética, sentiu-se aliviado. Voltaria as suas raízes. Agora, ele tinha o dinheiro que tanto almejava, mas percebia que ele não era tudo. Faltava-lhe sossego, um contato mais inocente com as pessoas, e a nítida luz das estrelas no céu escuro do meio rural. Levantou-se rápido do escritório, deixando o soneto perdido em meio a outros papéis. Desejava aprontar tudo o necessário para voltar a sua terra natal, em breve. Mas, eu estava ali e sua poesia não ficou para trás...

22- POETA REENCARNADO

Tércio fora um poeta numa vida passada. Numa outra, fora músico. Carregava, portanto, uma sensibilidade acima da média. Assim, às vezes expressava pensamentos e sentimentos através de versos e boas rimas. Naquele dia que terminava, entrou em sua residência. Logo a noite chegou, e com ela, notícias ruins pela tela da televisão. A miséria, nua e crua, passava no jornal da noite. Além disso, Tércio não tivera um bom dia. Na sua mente se acumulavam tensões. Abriu a janela do seu apartamento e percebeu uma tempestade prestes a explodir. Respirou profundamente naquela atmosfera, que já trazia o cheiro da chuva. Após uma trovoadas, apanhou um bloco de notas e grafou:

*Grande descarga elétrica,
No ambiente obscurecido!
Causou iluminação tétrica!
O céu estava enfurecido!*

*Sim! Fúria é a palavra,
Que espelha a realidade,
Do mundo onde impera a maldade,
E onde solidariedade é algo esquecido.*

*Pois chove, chuva!
Lava essas ruas
E limpa a minha alma.*

*Carrega o lixo que entulha
Vielas, rios e curvas,
Tornando pura cada criatura incauta.*

Na sequência à composição rápida do soneto, o poeta permaneceu à janela, assistindo ao espetáculo da tempestade. Sentia-se melhor agora. Deixou a poesia, em seguida, sobre uma mesa. Para Tércio, ela era apenas um desabafo. Mas, o soneto não ficaria no anonimato...

23- UM TRABALHADOR DO UMBRAL

Um homem que escrevia poesias como passatempo, ouvia, de vez em quando, sons do “outro mundo”. Havia, nele, uma boa percepção mediúnica, que não utilizava de forma ostensiva. Mas, seus escritos eram beneficiados, em certas oportunidades, por inspirações súbitas. Num dia chuvoso, captou as palavras de uma entidade que trabalhava no Astral Inferior, resolvendo registrar o que dizia:

*Sob atmosfera de chumbo,
Caminhei pela vida.
Da inocência passei a carrancudo,
Pois tudo era como carga da estiva.*

*Tive, de fato, pouco estudo.
Não haveriam flores em cada esquina.
Restaram-me humor e trabalho brutos,
Como triste e derradeira sina.*

*Hoje, embora ainda caminhe no luto,
Desejo com sinceridade,
Melhor clima interno e no mundo.*

*Já não tenho corpo de carne,
Mas sou consciência e labuto
Para que a paz, aqui, se espalhe.*

Quando terminou de escrever, o homem ficou curioso em saber mais sobre o espírito, que acabara de lhe soprar aqueles versos. Chegou, mesmo, a perguntar em voz alta quem era. Não tendo resposta, arrematou que ele era bem vindo em sua casa. Então, guardou o soneto, desejando intimamente que aquele ser retornasse mais vezes. Ele não sabia, que a poesia estaria disponível para muito mais pessoas...

24- GREGÓRIO

Eu estava no lar do professor Carlos, uma pessoa que havia feito um curso de história, e era poeta nas horas vagas. Ele, além de investigar os fatos que mudaram o mundo, era um apreciador da poesia e dos poetas, bem como do contexto de época, onde tudo isso estava inserido. Carlos tinha grande admiração por Gregório de Matos Guerra, poeta nascido no Brasil, que viveu no século XVII, crítico mordaz dos costumes do período, e por isso recebendo a alcunha “Boca do Inferno”.

Carlos, naquela noite, estava mais agitado do que o normal. A corrupção e a violência do mundo atual causavam-lhe uma enorme repulsa. Então, sua mente se fixou fortemente em aspectos da vida de Gregório. Na mesa de Carlos, estava aberto um grosso livro, que versava sobre o poeta. O professor havia lido por longos minutos a pesada e antiga obra. Em dado momento, daquela vivência solitária, Carlos resolve chamar pelo espírito de Gregório. Eu tudo presenciei e aqui narro os fatos:

Fala Boca do Inferno!

Diga-me algo sobre os dias atuais!

Sei que tu, como eu, somos eternos!

Por isso, use o dom dos imortais!

Após a exortação do humilde poeta,

O ar foi tomado por um silêncio carregado.

Falaria o espírito de Gregório de Matos Guerra,

De um longínquo, mas caloroso, passado?

Depois de momento tumular,

Um breve sussurro surgiu e tornou-se trovão.

Era Gregório, do Além, a bradar:

*- Poeta! Aceita tua sina
De viver neste mundo pouco exemplar.
- O meu tempo faz com o teu, muito bom par.*

*- Entenda que a corrupção
E o instinto maligno
Jazem em cada coração.*

*- Por isso temos um mundo pouco são!
- Uns são ladrões e assassinos,
Enquanto outros já perderam a razão.*

*- Mantém-te bem alerta
Com o que se passa em tua mente,
Para que não sejas porta aberta.*

*- Melhor ficar escandalizado
Do que ser motivo de escândalo!
- Apontou, um dia, um sábio mal coroado.*

*- Cuidado com os espinhos da coroa
Que estão soltas hoje em dia,
Como um mal que plenamente voa.*

*- Mantém-te reto no caminho
E não seja como gente vadia!
- A esperança é virtude boa!*

*- Não cospe nesta terra,
Como eu cuspi um dia,
Apesar dos podres que existem nela!*

*- Dentre os cardos e espinheiros,
Há sementes nutritivas a germinar!
- Não faça julgamento ligeiro!*

*- Este é um trabalho duro e rotineiro,
Que tu prometeste realizar.
- Entenda que tu és um jardineiro!*

*- Aproveita a chance enquanto está na Terra,
Que um dia deixou com pesar,
Teu amigo, Gregório de Matos Guerra.*

Em seguida à manifestação de Gregório, Carlos ficou atônito. Ele não podia duvidar do que ouvira, pois fora muito nítido. O poeta de outrora estivera ali e respondera a sua invocação. Carlos, agora, chorava copiosamente. Tentava coordenar suas ideias, mas as emoções ultrapassavam sua parte racional. Eu, que presenciei este encontro, não podia deixar de revelá-lo aos demais ...

25- O PORQUÊ DA DOR

Um filósofo havia meditado, por vários anos, sobre o porquê da dor na vida humana. Muitas hipóteses haviam passado pela sua mente, mas nada o convencia do motivo pelo qual as pessoas pareciam precisar sofrer. Um dia, quando seus cabelos já apresentavam mechas brancas, chegou a uma conclusão particular. A solução para a questão o emocionou tanto, que elaborou uma poesia para registrá-la:

*Dor! Dor tão doída!
Qual o papel da dor?
Fazer gente mais sofrida,
Como num filme de terror?*

*No fundo da minha consciência,
Uma voz brota como flor.
E responde com certa sapiência
Sobre a origem e função da dor:*

*A dor resulta da ignorância
Quanto ao sentido real da vida.
Por isso dói, como sangrenta ferida.*

*Assim chama a atenção
Do hipnotizado ser humano,
Para a necessária transformação.*

Após a realização do soneto, o filósofo o leu em voz alta. Avaliou que tinha boa sonoridade e, mais que isso, explicava precisamente o porquê da dor, sob seu ponto de vista. Estava satisfeito! No entanto, ele não pretendia apresentar a poesia ao público, pois seu texto era algo de foro mais íntimo, no seu julgamento. Contudo, a força intrínseca de suas palavras não permitiria que elas ficassem ocultas do conhecimento geral.

26- CEMITÉRIO

Um trovador, de cabelos já brancos, há muito tempo se perguntava sobre vida após a morte. A vida continua? Se a morte não existe, como é a vida no Além? Eu sou eterno? Estas eram algumas questões que perambulavam pela sua mente, mesmo depois de ter lido alguns livros reveladores sobre o assunto. Com este espírito de questionamento, Jorge foi a um conhecido cemitério de sua cidade para meditar. Lá era um lugar que ele gostava, pois admirava os jardins bem cuidados e o silêncio quase sempre dominante. Mas, naquele dia não houve tanto silêncio. Isto é o que ficou registrado, de forma poética, pelas próprias mãos de Jorge:

Entrei em velho cemitério.

Pensei: aqui não é a morada última!

Perguntei-me: qual é o grande mistério,

Que guarda cada sepultura?

Tive surpresa sem igual,

Pois respondeu-me uma voz:

- A sepultura é um portal

Para um mundo além de nós!

Voltei-me para o autor da resposta,

E lá estava ancião desconhecido,

Que tinha uma perna torta.

Ele olhou-me sorridente.

Estava junto a uma sombria porta,

De nobre catacumba, sumindo de repente.

O velho trovador tencionava deixar este soneto desconhecido. Mas, eu estava lá, quando o poeta guardou-o em antigo baú, onde jaziam cadernos e blocos recheados de seus textos, pensamentos e sentimentos. Hoje, desta forma, esta história está disponível ao mundo.

27- PREVENÇÃO

Sotero acabara de chegar em casa. Era noite. Já havia lido as notícias no jornal pela manhã. À tarde, no trabalho, ouvira comentários sobre as últimas violências cometidas. Agora, fechava a porta cuidadosamente, pois assaltos ocorriam nas redondezas. Ligou a televisão e o assunto era o mesmo: a violência. Então, como Sotero tinha talento para as rimas, resolveu distrair-se com papel e caneta:

*Janelas da alma: abertas!
Portas da casa: fechadas!
Assim deve ser na Terra,
Senão a vida logo se acaba.*

*Inocência não é habitante
Deste mundo tão belo.
A natureza é exuberante,
Mas o homem não é singelo.*

*Bom é ter o coração aquecido,
Porém com a mente desperta.
Esta é verdadeira e segura regra!*

*Pérolas não devem ir aos porcos.
Flores não crescem nos espinheiros.
Aos porcos, o tratador! Às flores, o jardineiro!*

Sotero leu e releu o que havia escrito. Notou que seu passatempo de repentista, herança de sua família nordestina, podia ser transferido para o papel. Estava francamente satisfeito com o soneto. Guardou-o com zelo numa gaveta, de modo a ler para quem o visitasse. No entanto, o público de sua poesia seria bem maior do que ele imaginava.

28- ADOLESCENTE EM DEPRESSÃO

Mirna era uma adolescente que, como muitas outras, mantinha um diário de suas atividades. Quem pudesse ler cada página de seu diário, perceberia que, de tempos em tempos, ela anotava observações carregadas de melancolia. A jovem não sabia, mas desde vidas passadas, já vinha desenvolvendo características emocionais doentias. Além disso, Mirna tinha uma percepção mediúnica aguçada. Então, naquele momento de sua vida, ela voltava a ter uma “baixa psicológica”, mas que estava sendo exacerbada pela presença de um espírito em desequilíbrio. Por isso, um dia antes do seu aniversário, ficou registrado no seu diário o seguinte:

Vejo tudo tão cinza!

Não sinto o calor humano,

Desde o início deste ano.

Estou me tornando ranzinza?

Meus pais parecem distantes.

Perderam cores, os meus planos.

Minhas esperanças eram grandes.

Sinto a mente e coração insanos.

Não sei com quem conversar.

A vida perdeu o encanto.

Seria boa saída, rezar?

Então, peço força ao céu:

Manda-me luz para o meu bem-estar!

Não quero mais viver ao léu.

Em decorrência do estado da jovem e do sincero pedido de socorro, ela recebeu uma ajuda inesperada. Durante a noite de sono de Mirna, a entidade que estava acoplada em seu campo áurico, por afinidade de sentimentos, foi esclarecida e encaminhada para um posto socorrista do Astral. Na manhã do dia seguinte, a adolescente despertou melhor. Suas ideias estavam mais leves e podia ver as cores do mundo. Então, pôde reencetar sua caminhada nesta encarnação, que ainda lhe traria desafios... Mas, se não fosse pela minha presença, o soneto de Mirna ficaria escondido no seu diário.

29- MENTE SÃ E CORPO SÃO

Paulo era um jovem, cujo lema era “mens sana in corpore sano” (uma mente sã num corpo sã). Assim, embora se preocupasse bastante com a aquisição de conhecimentos, entendia que deveria se dedicar com esmero a uma boa saúde corpórea, de modo a colocar plenamente em prática, tudo aquilo que vinha estudando. Então, era frequentador assíduo de uma academia de ginástica e, como bom observador, notou padrões de comportamento naquele ambiente. Assim, sobre isso, um dia escreveu:

*Quando a alma é simplória,
O corpo precisa ser exaltado:
Força e beleza são glórias,
Enquanto o estudo é descartado.*

*Bom seria o meio termo,
Quando o equilíbrio é encontrado.
É o que busco, e não me queixo,
Neste mundo complicado.*

*Exercito-me para ter saúde.
Músculos não são o objetivo focado.
Tenho fé na minha atitude.*

*E não esqueço a todo momento,
Embora esteja na juventude,
De buscar o autoconhecimento.*

Depois de suas reflexões em forma de versos, Paulo mostrou o soneto a sua jovem namorada. A moça, acreditando que Paulo estava lhe criticando, já que ela se preocupava bastante com sua beleza física, demonstrou insatisfação com a poesia. Com este cenário, o rapaz amassou a folha onde estava escrito o soneto, para evitar uma discussão. Se eu não estivesse ali, os versos de Paulo estariam perdidos.

30- O JOVEM PESCADOR

Raimundo era um estudioso filho de pescador. Queria continuar os estudos e ser, quem sabe, um “doutor advogado”. Mas, tinha um conflito interior, porque estava dividido entre ajudar ao pai e à família com a pesca, e prosseguir rumo ao seu sonho. Neste impasse, um dia, escreveu na areia sobre a questão, com um graveto trazido pela maré:

Como é grande e poderoso o mar.

De você, vem o meu sustento.

Onde pode, nas suas águas, me levar?

Qual o seu intento?

Uma brisa, a sussurrar,

Trouxe-me resposta a contento:

“Crie asas para voar!

O mar apenas te deu primário alento!”

“Continue a estudar

E seja bom exemplo

Para todos deste lugar.”

“Seu pai foi braço forte

E você é nobre rebento.

Continue a estudar...”

Em seguida, Raimundo leu e releu seu soneto na praia. Logo uma onda alcançou seu breve texto, que revelava sua decisão. O mar levou sua poesia, mas eu já tinha registrado suas rimas, que estão, agora, disponíveis a todos.

31- CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Estava, um diplomata, numa conferência internacional sobre assunto de relevância para as nações. Desde a infância, aquele homem culto acostumara-se a ver além da matéria. Renascera com um sentido espiritual desenvolvido, que era raro dentre os demais habitantes do planeta. Então, discretamente acomodado em sua mesa, descreveu seus sentimentos sobre o que via:

*Quantas pessoas variadas!
Muitas formas, tamanhos e cores!
Mentalidades mais ou menos avançadas,
Expressas por diferentes valores.*

*Aqui sinto-me pequeno,
Como gota em vasto oceano.
Por trás de tudo há um plano?
Parece-me que sim! É o que percebo!*

*Se abre minha visão espiritual!
Noto com algum espanto,
Que agem entidades do Astral.*

*Amparam e inspiram as pessoas,
Num esforço e tanto,
Para tornar a Terra menos desigual.*

Na sequência ao poema materializado, o diplomata guardou o seu texto. Sabia que não era conveniente expor o conteúdo a seus pares, pois estes tinham suas próprias convicções e visões de mundo. Voltou a prestar atenção ao evento, não sabendo que, um dia, seu soneto viria a público.

32- CONEXÃO COM O INFINITO

Era noite naquela parte do planeta e eu visitava um poeta que era médium. Ele olhava para o céu, através da janela de seu apartamento. Estava nitidamente inspirado pelo quadro que se desenhava a sua frente. Neste estado de espírito, resolveu escrever algo:

*Nesta noite tão bela,
Brilham as estrelas.
Sinto boa atmosfera
Pelas minhas redondezas.*

*Donde vem o aroma
Que inebria a minha alma?
Onde se encontra
Esta fonte inefável?*

*Gostaria de saber
O núcleo desta energia,
Que embala o meu ser.*

*Não creio ser ilusão
Esta funda alegria,
Que me vem à percepção.*

Depois do belo e singelo soneto, onde expressou que percebia a minha presença, não pude deixar de lhe responder, já que todos os outros poetas que visitei anteriormente, não haviam notado tão claramente a minha proximidade. Então, soprei nos ouvidos de sua alma:

EU SOU O OLHO QUE TUDO VÊ, O CORAÇÃO QUE TUDO SENTE, A MENTE QUE TUDO ABARCA. SOU TANTO A LETRA QUANTO A PALAVRA. SOU A LEITURA MUDA, QUANTO O SOM QUE CONTAGIA. SOU A DUREZA DO GRAFITE SOBRE A FOLHA MACIA. EU SOU PURA POESIA.

ENCONTRO-ME NO POETA E NO SEU SOFRIMENTO, NA SUA ALEGRIA COMO NO SEU TORMENTO. SOU FONTE DE INSPIRAÇÃO A CADA MOMENTO.

SOU SUJEITO E TAMBÉM PREDICADO. ENTENDO O ÂNGULO ESTREITO E A AMPLITUDE DO PRADO. MUITOS QUEREM SABER MEU NOME, QUE NÃO CABE NESTE ESPAÇO.

PERGUNTAM SE SOU DA ESPÉCIE DO HOMEM! RESPONDO QUE SIM, MAS TAMBÉM RESPONDO QUE NÃO! PARA MELHOR ENTENDER, ESCUTEM O PRÓPRIO CORAÇÃO. OUÇAM O MAIS PROFUNDO E INTERNO SOM, QUE SIMPLEMENTE EU SOU.